

Resenha

Rasgos culturais: consumo cinéfilo e o prazer da raridade
(ALMEIDA, Rodrigo. Recife: Velhos Hábitos Ed., 2011. 249 p.)

Lincoln FERDINAND¹

O livro *Rasgos culturais: consumo cinéfilo e o prazer da raridade*, do doutorando em Comunicação pela UFPE, Rodrigo Almeida, foi fruto de sua dissertação de mestrado e publicado em forma de e-book no ano de 2011. É dividido em seis capítulos, incluindo a introdução, e tem no início de cada, uma imagem de algum produto audiovisual (série ou filme) que terá sua presença explicada no meio do texto, fazendo da leitura uma experiência mais rica para quem os assistiu, ou até mesmo incentivando o leitor a estender o entendimento da obra.

Começando o livro no capítulo de número ‘zero’ para fazer uma abordagem central e bem precisa do caminho que irá percorrer, seus objetivos e qual metodologia foi utilizada na pesquisa, o autor intitula sua introdução de “Consumo cinéfilo e cultura contemporânea” e a divide em quatro partes. Como sugere o título, Rodrigo tenta situar o leitor nos novos tempos da comunicação mediada pela tecnologia e de que o consumo de obras cinematográficas, em específico por parte dos cinéfilos, acontece de forma diferente nesse novo contexto sociocultural.

Desta forma, é traçada uma espécie de panorama histórico do cinema e das experiências vivenciadas através dele desde o seu surgimento até os dias de hoje com as facilidades do digital, o que, nas palavras do autor, é um tempo de “hiperinflação do descartável” (p. 25). Desde a introdução já é colocada em pauta a questão da transformação da forma de se consumir cinema na cibercultura e da busca pelo único, pelo que vale a pena, o que já é visto no título da obra sendo chamado de “prazer da raridade”, invocando, assim, a característica cinéfila do colecionismo.

Somos, então, apresentados ao cibercinéfilo; o amante da sétima arte e que dedica boa parte do seu tempo a pesquisar e conhecer mais sobre cinema, desta vez, inserido em uma cultura contemporânea dominada pelos bits. Levando isso em

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas GMID/PPGC/UFPB. Email: lincolnferdinand@gmail.com

consideração, Rodrigo Almeida faz uma rápida exposição dos problemas envolvendo a indústria cultural e os direitos autorais com a chegada do *download* e com a prática participativa de permuta dos cinéfilos do ciberespaço – questões que ele irá abordar mais aprofundadamente a posteriori.

Chegando agora, de fato, ao primeiro capítulo, “Cultura do consumo e os jogos de inversão: estratégias”, é desferida uma crítica à lógica do sistema dominante e do mercado diante de uma cultura do efêmero. As pessoas estão sendo escravas do capitalismo e nem percebem, pois o seu tempo é dedicado a observar se um novo modelo do seu celular foi lançado para que elas possam jogar o “velho” fora.

Para entender a dinâmica do consumo na contemporaneidade o autor faz uma análise bem elaborada dos jogos de inversão e estratégias criadas para fazer com que as pessoas sejam atraídas, sem reclamar, para um sistema de dominação industrial. Passando pela obsolescência programada, a durabilidade dos objetos e até o uso de novas tecnologias para maquiagem interesses mercadológicos, Rodrigo Almeida termina o capítulo apontando o paradoxo do nascimento da indústria cinematográfica norte-americana: Hollywood.

Quando se instaurava um monopólio da produção, distribuição e exibição de filmes no início do século XX, nos Estados Unidos – sendo Thomas Edison um de seus grandes responsáveis – um grupo de produtores independentes que resistiam ao modelo industrial de fazer cinema, quebravam regras e fugiam da fiscalização, acabaram se tornando os grandes nomes por trás do surgimento de uma hegemonia do cinema mundial. Enquanto tentavam, subversivamente, ir de encontro ao poder da indústria estabelecida, se transformavam nos dominantes.

No segundo capítulo, “Cultura do consumo e os jogos de inversão: táticas”, é feito justamente o contrário do anterior. Parte-se da história da internet para mostrar como, dessa vez, ocorreu uma subversão pela dominação. Em seu primeiro momento a internet era restrita apenas aos militares e cientistas, hoje, temos um ambiente aberto e que qualquer pessoa pode publicar informações sem que, para isso, seja necessário ser um especialista em informática.

Devido à facilidade de compartilhamento que a internet traz, ela se torna palco, hoje, de inúmeras discussões a respeito da violação de direitos autorais das obras que estão circulando na rede, o que acarreta diversos problemas para a indústria cultural.

Vários desses conflitos são levados à justiça trazendo a tona reflexões sobre a necessidade de adaptação da legislação frente aos novos tempos da informação, como acredita o autor.

Essas práticas subversivas que, segundo a indústria, afrontam os direitos autorais dos artistas, foram chamadas de ‘pirataria’ e se espalham pela internet por causa da facilitação tecnológica do compartilhamento. Assim, fica clara a inversão do paradoxo mostrado no capítulo anterior. Primeiro se fala numa ‘dominação pela subversão’, depois em uma ‘subversão pela dominação’.

O terceiro capítulo, “Perspectivas de um consumo autoral”, inicia-se com uma rápida análise sobre o consumismo alienante e da forma com que a cultura norte-americana está fincada na programação cinematográfica e televisiva no mundo inteiro. Salas de cinema de bairro deixam de existir e migram para os grandes shoppings aumentando, assim, o caráter comercial dos filmes exibidos.

Em seguida, é construído um histórico da circulação de bens culturais enfatizando o aspecto da ilegalidade de obras proibidas e não permitidas, desde a prensa de Gutenberg e os livros até o compartilhamento de filmes em larga escala através do download na internet. O autor, por fim, chega a abordar detalhadamente a questão do prazer da raridade e a característica do colecionismo presente nos cinéfilos. Característica esta que muda sua faceta ao adentrar no universo digital.

Continua falando sobre cineclubismo e aponta a atividade como sendo inerente à cinefilia e que gera cinefilia. Mostra os cineclubes como forma de resistência cultural por parte de um grupo de pessoas que não pretendiam seguir a programação ditada pelo circuito comercial de filmes, muitas vezes agindo até na clandestinidade, indo atrás de filmes raros e sem visibilidade, e exibindo-os. Percebe-se, então, que a atividade de Henri Langlois, “conhecido como guardião da memória do cinema, e, portanto, o inventor da cinefilia” (p. 150), foi de total influência no sentimento cinéfilo de buscar a raridade no âmbito cinematográfico e preservar a memória da sétima arte.

O autor faz uma retrospectiva da história do cineclubes no Brasil que se inicia com a criação do *Chaplin Club* na década de 1920, dando bastante ênfase na movimentação cultural do estado de Pernambuco, em especial a cidade de Recife, e chega até os dias de hoje com a reprodutibilidade digital e a facilidade de cópias e de se encontrar qualquer filme que se queira na internet, levando a discussão às polêmicas

envolvendo violação de direitos autorais de obras protegidas. Almeida ainda faz críticas ao modelo de distribuição de filmes atual e aponta para a necessidade de adaptação ao contexto cibercultural.

O quarto capítulo, “Consumo cinéfilo e o prazer da raridade”, começa com a reiteração de que a cinefilia existe para dar visibilidade ao que sempre esteve ali, mas não ganhou espaço relevante. Da mesma forma que o que vemos nos cartazes de cinemas representa apenas uma parcela insignificante da produção mundial, o consumo cinéfilo se apresenta como uma pequena parte do consumo cinematográfico, e, mesmo assim, tem a difícil missão de tornar público a grande parcela de filmes que foi preterida pelo circuito comercial e que se tornou praticamente inexistente para os olhos da grande massa.

O autor mostra que a internet é, sobretudo, usada para um ato conformista do consumidor de cinema que encontrou no ambiente uma forma de ver os filmes da programação industrial sem sair de casa, quando levamos em consideração pesquisas que dizem que os filmes piratas comprados e os baixados na internet são, em sua maioria, os blockbusters que arrecadam fortunas em bilheteria.

Por outro lado, surge a cibercinefilia como atualização cibernética da cinefilia, que, valendo-se das tonas tecnologias da informação e da comunicação, procura fazer com que os filmes raros circulem e atinjam as pessoas menos interessadas nessa busca e mais acomodadas com a programação que lhes é imposta.

A internet mostra-se como ambiente favorável para a formação intelectual dos cinéfilos e facilitador na construção das cinematecas digitais pessoais de cada um. Um espaço colaborativo está sendo estabelecido e os amantes do cinema estão dispostos a buscar, legendar, colocar à disposição, escrever sobre, trocar e baixar, filmes de toda natureza que se enquadrem na proposta da militância cinéfila: dar visibilidade aos injustiçados da história do cinema.

Também é traçada, no quarto capítulo, uma linha do tempo exibindo as mais variadas experiências e impressões pelas quais passaram alguns cinéfilos – entrevistados pelo autor - desde a sua infância, e fornecido elementos para a formação crítica desses amantes do cinema, passando de consumidores passivos de mero entretenimento para espectadores pensantes, críticos e reflexivos.

Nesse ínterim, o autor fala do “Cineclube Dissenso”, no qual apoiou o foco de sua pesquisa, criado em 2008 por universitários em Recife com a intenção de se reunirem para discutir a situação da crítica. Organizaram-se e passaram a exhibir filmes periodicamente estabelecendo cada vez mais uma relação democrática e de respeito entre os integrantes do cineclube. O “Dissenso” é um ótimo exemplo de como se confluíram as atividades cineclubistas com o uso do digital em tempos de cibercultura e de como isso foi importante para a formação intelectual mais ampla dos cinéfilos, sem deixar de pensar em um sentimento advindo do prazer coletivo diante de uma grande tela em uma sala silenciosa.

Em suas considerações finais, um capítulo intitulado de “Por uma cultura do Rasgo”, Rodrigo Almeida reflete sobre a politização dos jovens cinéfilos e da formação do pensamento crítico. Ele coloca a presença dos cineclubes como essenciais nesse processo e defende a existência de uma maneira com que estes não sejam vistos como ameaças ao circuito comercial dos filmes feitos pela indústria. Ratifica a necessidade de atualização da lei de direitos autorais em um mundo onde a proliferação da informação acontece bem mais rápido que há trinta anos e que qualquer pessoa pode produzir e compartilhar conteúdo na internet.

A cibercinefilia assume uma postura importante, nesse contexto, pois suas práticas têm ajudado a democratizar o acesso a filmes raros que estão à disposição de qualquer um. Os cinéfilos do ciberespaço estão ajudando a trazer o cinema para mais perto das pessoas e sua associação à atividade cineclubista fez com que a magia da tela grande e da exibição coletiva pudesse continuar existindo mesmo em meio ao desaparecimento das salas de cinema de bairro e sua transposição para os grandes shoppings.

Desta maneira, um cineclube organizado por cibercinéfilos desempenha com facilidade sua função primordial: apresentar as diferentes fases da história do cinema para as novas gerações, tendo no debate e exposição de ideias o seu sustentáculo, e mostrar que cinema também é feito na periferia de um mundo que tem os Estados Unidos como centro.

Em um tempo onde novas práticas sociais estão surgindo e inúmeras outras estão sendo reconfiguradas devido às transformações tecnológicas e midiáticas, a obra de Rodrigo Almeida é essencial para qualquer estudante de Comunicação e estudos

culturais e principalmente para aqueles interessados na pesquisa de cinema e audiovisual. O autor traz ricas referências bibliográficas de vital importância para a formação de qualquer pós-graduando na área.